

Alberto Pizzoli/AFP

## IGREJA CATÓLICA

# Até onde Francisco vai?



Teólogos admitem ao **Correio** que o papa deve fazer mudanças profundas, porém limitadas, na Cúria Romana. Disputas internas pelo poder e a influência dos conservadores são os maiores obstáculos

» RODRIGO CRAVEIRO

Um adágio ressoa há séculos dentro dos muros do Vaticano e, na prática, destoa de uma instituição milenar pouco afeita a mudanças: *Ecclesia semper reformanda est*. (A Igreja está sempre sendo reformada, em latim). Há 206 dias à frente da Igreja Católica, o papa Francisco tomou esse ditado como verdade absoluta e, inspirado pelo Concílio Vaticano II, planeja abalar as estruturas da Santa Sé. Na semana passada, o pontífice argentino reuniu-se com oito cardeais, provenientes dos cinco continentes, que vão ajudá-lo a transformar a Cúria Romana. Jorge Mario Bergoglio ordenou aos religiosos a adoção de medidas profundas na Constituição Apostólica Pastor Bonus, assinada por João Paulo II, em 28 de junho de 1988. Teólogos consultados pelo **Correio** afirmaram que a reforma do órgão administrativo da Santa Sé — um emaranhado de secretarias, pontifícios, tribunais e outros departamentos, tomado pela burocracia e por escândalos — provavelmente será limitada e vai encontrar muita resistência dos setores mais conservadores e poderosos da Igreja.

A italiana Franca Giansoldati, vaticanista do jornal *Il Messaggero*,

ro, não tem dúvidas de que as medidas implementadas por Bergoglio serão graduais, porém radicais. “Elas tocarão a Cúria Romana. Nos últimos 20 anos, a estrutura da administração da Santa Sé se expandiu. Surgiram vários escritórios pontifícios, os escritórios aumentaram e poderes foram ampliados. O andaime tornou-se inchado, lento, ineficaz e ineficiente, além de muito caro”, explica a jornalista. “A reforma vai incluir fusões de departamentos, extinção de escritórios e racionalização de habilidades”, acrescenta. De acordo com ela, o pontífice pretende resgatar a configuração da Igreja dos primórdios do cristianismo, “quando o Evangelho não tinha sido sufocado por normas, padrões, instituições e doutrinas”.

Ex-aluno do papa emérito Bento XVI, o teólogo e padre norte-americano Joseph Fessio acredita que as mudanças serão limitadas. “Nós não temos aqui uma ‘cidade’ permanente. Qualquer estrutura e qualquer governo serão feitos de pessoas estranhas, peculiares e pecadoras. Pensar que podemos alcançar uma forma ideal de governança é irrealista”, observa. “Eu creio que o papa Francisco continuará a colocar em movimento o Concílio Vaticano II, em uma hermenêutica de continuidade e de renovação, como fizeram Bento XVI e

João Paulo II”, prevê. Os dois antecessores de Francisco estiveram presentes no concílio e se dispuseram a impulsionar as decisões tomadas pelos 2 mil prelados, entre 11 de outubro de 1962 e 6 de dezembro de 1965.

### Escândalos

“Bergoglio pretende levar adiante o Evangelho do Concílio Vaticano II. Ele anda sobre esse caminho, mas não será fácil. É duro mudar mentalidades”, alerta Giansoldati. A vaticanista vislumbra que Francisco enfrentará alguns problemas com a Cúria Romana em relação à transparência e à limpeza do Instituto para as Obras Religiosas (IOR), popularmente chamado de banco do Vaticano — um órgão envolto em escândalos financeiros. Em visita a Assis, na última sexta-feira, o pontífice mandou um recado à Cúria Romana. “Há um perigo que ameaça qualquer um na Igreja, todos nós, o perigo do materialismo. Leva-nos à vaidade, à arrogância e ao orgulho”, declarou.

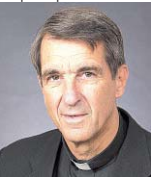
Confrontar esses sentimentos deve ser um dos principais desafios do papa. “A reforma mais difícil será descentralizar a Igreja. A Cúria não vai querer perder o poder. Ironicamente, os liberais que defenderam essa descentralização agora se preocupam que ela

aconteça rápido demais, antes que Francisco tenha chance de apontar bispos melhores”, admite o padre jesuíta Thomas Reese, autor de *Inside the Vatican: The politics and organization of the Catholic Church* (O Vaticano por dentro: a política e a organização da Igreja Católica). Um dos mais proeminentes especialistas na Santa Sé, Reese defende uma mudança com dois eixos: gerenciais e compreensivos. O primeiro, segundo ele, requer mudanças financeiras, como práticas de contabilidade, auditorias internas e externas, licitação competitiva e transparência. “Isso vai exigir disposição para demitir quem não as apoiar”, alerta.

Por sua vez, uma reforma compreensiva pretende repensar o papel da Cúria Romana na governança da Igreja. “A Cúria age como uma Corte real, com príncipes e nobres (cardeais e bispos) ajudando o rei (papa) a governar. Essa Corte precisa se converter em um serviço civil moderno, no qual os funcionários sejam a equipe que serve ao papa e ao Colégio Episcopal”, critica Reese. Apesar de reconhecer que a reforma ameaça o poder das autoridades eclesásticas, ele aposta que muitos religiosos e empregados da Santa Sé vão se adaptar, depois de “observarem para que lado o vento sopra”.

### » Eu acho...

Arquivo pessoal



“O papa Francisco pode fazer mudanças no modo como a Cúria se organiza. Mas a estrutura fundamental das autoridades — os padres, os bispos e o próprio pontífice — não pode ser alterada. Ele, claramente, deseja uma mudança na atitude daqueles dentro da Cúria. Mas a maioria das pessoas de idade, eu incluso, é bastante definida em suas atitudes. Para mudá-las (as atitudes), ele provavelmente terá que mudar as pessoas. Eu garanto uma coisa: os novos nomeados serão todos pecadores. Então, haverá necessidade de uma reforma contínua.”

» Joseph Fessio, padre norte-americano, teólogo e ex-aluno do papa emérito Bento XVI

## Artigo

por Virgílio Arraes

# A esperança da renovação

Em certa medida, o papa Francisco, o primeiro da história da Sociedade de Jesus, inspira-se em um de seus mais importantes predecessores, João XX III, prestes a ser canonizado. Ciente de que a Igreja Católica necessita de novo agenciamento (atualização, em italiano), ao desligar-se de vez do imaginário da fase final da Guerra Fria, em que o tema do anticomunismo prevalecia sobre as demais questões, o sumo pontífice tem, aos poucos, indicado o caminho por onde deseja trilhar.

Nesse sentido, a Igreja deveria voltar os olhos para o futuro com o espírito aberto, desarmando-se da intolerância, de modo que possa dialogar mais com as demais denominações do cristianismo e de outras religiões. Portanto, evitar o temido choque de civilizações, tão evocado desde o fim do século passado.

Na trilha aspirada por ele, o

bispo de Roma manifesta a preocupação de a Igreja identificar o seu novo ponto de equilíbrio, com o objetivo de superar os desafios do século 21, mesmo os relacionados com a temática da chamada “disputa cultural” entre conservadores e liberais — como aborto, direito de expressão, homossexualismo e relacionamento entre o Estado e a própria instituição.

Sem isso, Francisco reconhece que a base moral da Santa Sé poderia desabar tal qual um castelo de cartas, não obstante a identificação de mais de 1 bilhão de pessoas com a religião católica. Para tanto, o papa propõe a necessidade de vasta reforma da Igreja Católica. Assim, a estrutura e o consequente funcionamento da burocracia deverão ser modificados com o propósito de descentralização — uma organização “mais horizontal” — e de afastamento do sectarismo, a va-

lização do ecumenismo.

No tocante ao primeiro ponto, a posição de Francisco foi surpreendente: a Corte pontifícia, a Cúria Romana, seria a lepra do papado, ao se constituir de vaidade, bajulação e egoísmo. Destarte, a atenção da Igreja não se voltaria adequadamente aos problemas espirituais do mundo, em vista da concentração em assuntos locais e mundanos.

Quanto ao segundo, como o próprio pontífice assinalou: do constante diálogo, emergem novas ideias e responsabilidades. O importante seria reforçar nas pessoas a visão do bem. Assim, dedicar-se a recuperar a esperança dos mais jovens e auxiliar os idosos. E o mais importante no posicionamento papal: ter a humildade de reconhecer que o estágio atual não é conveniente.

Por fim, toda tentativa de reforma encontrará óbices. Em vista disso, a realização de um concílio seria talvez o instrumento mais adequado, por representar a mais ampla oportunidade de diálogo da Santa Sé.

Professor de história contemporânea do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB)

por Don Ariel S. Levi di Gualdo

# Autoridade como foco

Eu estava esperando por esse pontificado, e não perdi a esperança. No entanto, mais e mais eu medito a palavra do Evangelho Segundo Lucas: “Ai de vós quando todos os homens falarem bem de você”. Até agora, neste pontificado, com a eufórica fase do engajamento, tudo é apaixonante e emocionante, ideal e idealizado. Os secularistas, que até estavam em guerra ideológica com a Igreja, são os maiores simpatizantes do Santo Padre Francisco.

Na Itália, nós temos o caso de um jornal secular, o *La Repubblica*, sempre muito crítico da Igreja. Hoje, tornou-se o mais papista dos órgãos oficiais da Santa Sé. Houve algo sem precedentes na história: o Santo Padre enviou uma carta ao seu diretor, um ateu declarado. Poucos dias depois, ele o recebeu, no Vaticano, concedendo-lhe uma entrevista. O ministério pastoral do Santo Padre será

feito talvez com slogans e entrevistas a jornalistas? Logo ele será convidado a um talk show?

Nós devemos reconhecer que o Santo Padre ganhou as grandes massas com conceitos que satisfazem a todos, mesmo que não deem claras respostas a ninguém: uma Igreja pobre, os pobres no centro da Igreja... Essas palavras são bastante populares entre os ricos anticatólicos, que querem uma Igreja miserável, despojada de toda a dignidade. Quando eu ouço do Santo Padre, que fala dos pobres, da Igreja pobre, eu me recordo de uma velha anedota: “Se matarmos a vaca e dermos comida aos pobres, nós os alimentaremos por uma semana. Mas, depois, quando o pobre pedir leite, nós o diremos que o leite acabou porque a vaca foi morta e devorada”.

Os conceitos de pobreza parecem influenciar muito esse pontificado. Até hoje, o Santo Padre

não explicou o que significa esse conceito de acordo com a doutrina social da Igreja. À luz da pobreza e da simplicidade, um de seus projetos é a reforma da Cúria Romana. É justo perguntar: como reformar o que não se conhece? Como esse pontífice, que sempre viveu na Argentina, percebe o conceito de “Roma” e de “mundo romano”? Esses conceitos não significam o centralismo absoluto do Vaticano, mas que a Igreja é universal, e Roma é seu centro. A Cúria não pode ser radicalmente reformada se não começarmos do conceito de universalidade católica romana.

A reforma da Cúria exige, antes de tudo, as pessoas certas. No momento, parece que faltam grandes personalidades confiáveis. A autoridade apostólica, que nos últimos 50 anos tem sido quase destruída, deve ser preservada, pois pertence à Igreja, cuja autoridade foi dada por Cristo. A autoridade não pode ser destruída para ser substituída pelo autoritarismo humano. A reforma deve ser uma grande autoridade, mas não um grande autoritarismo.

Padre e teólogo italiano, autor de *E Satana si fece Trino*